

LEO CUNHA

ILUSTRAÇÕES

GUTO LINS



O FIM DO MUNDO

E OUTROS CONTOS

LIVRO DIGITAL DO PROFESSOR
ANTONIETA CUNHA



RONA
ronaeditora.com.br



O F I M D O M U N D O

E OUTROS CONTOS

LEO CUNHA

ILUSTRAÇÕES

GUTO LINS

LIVRO DIGITAL DO PROFESSOR
ANTONIETA CUNHA

RONA
ronaeditora.com.br

1ª Edição, Belo Horizonte, 2022

O FIM DO MUNDO E OUTROS CONTOS

Leo Cunha

1ª Edição, Belo Horizonte, 2022

FICHA TÉCNICA LIVRO DIGITAL DO PROFESSOR

Copyright © 2022 by Antonieta Cunha

ISBN 978-65-86437-35-5

EQUIPE EDITORIAL

Diretor Geral **Julio Pena**

Coordenador de Projetos **Rafael Pena**

Gerente Editorial **Ana Gabriela S. Pereira**

Editora **Antonieta Cunha**

PRODUÇÃO EDITORIAL

Ilustrações e Capa **Guto Lins**

Projeto gráfico **Kátia Silva**

Diagramação **Kátia Silva**

PRODUÇÃO GRÁFICA

Pré-impressão **Rona Editora**

FICHA TÉCNICA LIVRO DO ESTUDANTE

Copyright © 2022 by Leo Cunha

Material de apoio (paratextos) by Antonieta Cunha

ISBN 978-65-86437-43-0 (livro impresso)

ISBN 978-65-86437-34-8 (livro digital)

EQUIPE EDITORIAL

Diretor Geral **Julio Pena**

Coordenador de Projetos **Rafael Pena**

Gerente Editorial **Ana Gabriela S. Pereira**

Editora **Antonieta Cunha**

PRODUÇÃO EDITORIAL

Ilustrações e Capa **Guto Lins**

Projeto gráfico **Adriana e Guto Lins/ Manifesto**

Diagramação **Adriana e Guto Lins/ Manifesto**

PRODUÇÃO GRÁFICA

Pré-impressão **Rona Editora**

Categoria: 2 (8º e 9º anos do Ensino Fundamental)

Gênero literário: conto

Tema: relações e reações humanas

Cunha, Antonieta

C972f O fim do mundo e outros contos / Antonieta Cunha; ilustrações
Guto Lins. – Belo Horizonte: Rona Editora, 2022. 27 p. il.

Livro digital do professor
ISBN 978-65-86437-35-5

1.Literatura infantojuvenil-Brasil. I.Título.

CDU 821.134.4(81)-053.6

Elaborada por Rinaldo de Moura Faria - CRB-6 nº 1006

RONA
ronaeditora.com.br

RONA EDITORA LTDA. CNPJ:
19.270.206/0001-60

Rua Henriqueto Cardinalli, 280 - Olhos d'Água
CEP. 30.390-082 - Belo Horizonte/MG
+55 (31) 3303-9999

www.ronaeditora.com.br / @ronaoficial

Todos os direitos reservados à Editora. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos,
eletrônicos, ou cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

SUMÁRIO

CARTA AOS PROFESSORES.....	4
1. OS AUTORES DE O FIM DO MUNDO E OUTROS CONTOS.....	5
1.1. Leo Cunha.....	5
1.2. Guto Lins.....	6
2. ASPECTOS IMPORTANTES DA OBRA O FIM DO MUNDO E OUTROS CONTOS.....	6
2.1. A empatia, sempre presente.....	6
2.2. O narrador e os discursos (EF69LP47).....	7
2.3. O projeto gráfico de <i>O fim do mundo e outros contos</i> (EF69AR04).....	14
3. A ABORDAGEM DA OBRA LITERÁRIA NA ESCOLA.....	15
3.1. A primeira leitura da obra literária.....	15
3.2. A segunda leitura da obra literária.....	16
4. SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA A PRIMEIRA LEITURA DE O FIM DO MUNDO E OUTROS CONTOS.....	17
4.1. Criando motivos para ler a obra – a pré-leitura (EF69LP29, EF89LP33 e EF69AR04).....	17
4.2. A primeira leitura da obra (EF89LP33).....	19
4.3. Avaliação da recepção da obra – a pós-leitura (EF89LP35, EF69LP50, EF69LP13 e EF69LP23).....	19
4.4. Indo além da história (EF69LP49, EF89LP34, EF89LP35).....	20
5. SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA A SEGUNDA LEITURA DE O FIM DO MUNDO E OUTROS CONTOS (EF69LP13, EF69LP15, EF69LP47, EF69LP53, EF69LP54, EF69LP55).....	20
5.1. Proposta de atividades.....	21
5.2. Uma nova avaliação da obra (EF69LP50 e EF69LP13).....	22
5.3. Indo além da história (EF69LP49 e EF69LP46).....	22
6. PROPOSTAS DE EXPERIÊNCIAS EM TORNO DE O FIM DO MUNDO E OUTROS CONTOS PARA OUTRAS ÁREAS.....	22
BIBLIOGRAFIA COMENTADA.....	24

Cara Professora, Caro Professor

Temos o prazer de lhes apresentar este material digital, elaborado especialmente para vocês, como auxiliar à sua abordagem da obra *O fim do mundo e outros contos*, com seus alunos preferencialmente do 8º Ano. Dizemos “preferencialmente”, porque, conforme a turma e seus interesses, pode perfeitamente interessar a alunos mais próximos do ano indicado.

O autor deste livro, o mineiro Leo Cunha, valendo-se sobretudo do seu já conhecido humor, apresenta algumas crianças e muitos adolescentes em situações surpreendentes, em casa, na escola, e, eventualmente, na rua. Podemos dizer que, com diferença de ambientes e contextos, por se tratar de contos, o tema principal da obra é o das relações e reações humanas.

Esperamos que já tenham lido não apenas o livro, mas também o texto de apoio à leitura que acompanha o exemplar do estudante, com a apresentação tanto do autor dos contos como do criador do projeto gráfico e de suas imagens, Guto Lins, além da exploração das características do gênero narrativo escolhido pelo escritor e as peculiaridades de seu uso nesta obra.

Possivelmente, vocês conhecerão estes dois artistas, reconhecidos pela crítica, ambos com várias obras premiadas e selecionadas inclusive por programas de aquisição de obras de governos e outras instituições. A vasta produção de ambos (Guto Lins é também excelente escritor) apresenta muitos títulos adequados à sua turma, o que chegamos a informar, na nossa conversa no próprio livro do estudante.

Estamos certos de que *O fim do mundo e outros contos* oferecerá a seus alunos não apenas muitos momentos de prazer, mas também várias oportunidades de reflexão e amadurecimento quanto à recepção da literatura e da arte, em geral, mas também com relação à sua visão de mundo e seus valores.

Neste material digital, aprofundaremos as questões tratadas no livro do estudante, assim como apresentaremos várias propostas para o bom aproveitamento da leitura do livro por seus alunos. Apresentaremos, ainda, sugestões de atividades a serem desenvolvidas por docentes de outras áreas de suas escolas, aproveitando a transversalidade que a obra de arte e sobretudo a literatura costumam permitir. As habilidades a serem alcançadas estarão indicadas em cada atividade sugerida.

Trazemos, também, uma reflexão sobre os princípios que embasam nossas propostas, cujo objetivo principal é o desenvolvimento de entusiastas da arte e leitores de literatura – sobretudo na escola, dentro do processo da educação. Apresentamos-lhes, por fim, uma bibliografia comentada, para auxiliá-los(as) na busca de leituras de seu interesse, como docentes, e para relembrar temas ou aprofundar-se em alguma questão tratada nesta nossa conversa.

Por uma questão de princípio, gostaríamos de lhes fazer um pedido inicial: conheçam os textos de *O fim do mundo e outros contos* antes mesmo de ler as questões e sugestões deste material. A razão mais imediata desse pedido é que a leitura prévia vai facilitar as observações e discussões propostas, mas asseguramos-lhes que há outros motivos para tal solicitação.

Desejamos-lhes uma leitura proveitosa e um trabalho prazeroso em torno desta obra, e de outras tantas, que levarão a seus alunos.

Equipe Editorial da RONA EDITORA

“ Humor não é um estado de espírito,
mas uma visão de mundo.

Ludwig Wittgenstein

Prezada Professora, Prezado Professor

Esperamos que tenham lido os contos de *O fim do mundo e outros contos*, como sugerimos em nossa carta, para tornar nosso diálogo mais proveitoso.

Aqui, além de aprofundar questões apresentadas no texto de apoio ao estudante, acrescentaremos outras, que vocês poderão trabalhar com seus alunos, com as adaptações eventualmente necessárias, em função das experiências da turma. Da mesma forma, seu conhecimento do grupo é que ditará o tipo de exploração da obra farão, dentre as possibilidades que sugerimos mais adiante.

Parece-nos importante falar um pouco mais destes dois artistas, criadores desta obra.

1. OS AUTORES DE O FIM DO MUNDO E OUTROS CONTOS

Os dados que informamos a seguir sobre esses dois artistas podem ser complementados, conforme o interesse de vocês e da turma, por um vasto material na Internet.

1.1. Leo Cunha

Leonardo Antunes Cunha, ou Leo Cunha, costuma dizer que nasceu e viveu entre livros, na grande biblioteca familiar, e vendo-os nas mãos da mãe, professora universitária, do pai, médico, e do avô, grande admirador de Guimarães Rosa. Desse modo, pôde manusear, muito antes de ler, os livros de literatura infantil e juvenil, que ocupavam as prateleiras inferiores do escritório. Desde cedo, também, conheceu muitos e grandes escritores como Orígenes Lessa, Bartolomeu Campos de Queirós, Sylvia Orthof, Marina Colasanti, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Joel Rufino dos Santos e pôde conversar com eles sobre suas obras.



Certamente esse ambiente favoreceu que ele se tornasse, antes de tudo, um excelente leitor. Mais tarde, incentivado por alguns desses escritores, aventurou-se na escrita e resolveu enviar alguns de seus originais para concursos literários, e ganhou alguns prêmios, ainda universitário, antes mesmo de publicar qualquer livro.

Na universidade, fez os cursos de Comércio Exterior, Jornalismo e Publicidade. Seus cursos de pós-graduação já indicam os caminhos que pareciam estar sendo escolhidos: fez Especialização em Literatura infantil e juvenil, Mestrado em Ciência da Informação, com pesquisa sobre o hipertexto, a literatura criada para/na Internet, e Doutorado em cinema, e sua tese versava sobre os filmes cômicos de Francis Veber, conhecido escritor e diretor francês.

Tem publicados livros por muitas editoras brasileiras, e seus mais de setenta títulos - contos, crônicas, novelas e poesia, para o público infantil e juvenil, além das traduções - ganharam vários prêmios, como o da Fundação Biblioteca Nacional, da Secretaria de Cultura de Curitiba, da Prefeitura de Belo Horizonte, o Nestlé, o Cátedra, da UNESCO, e alguns da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Leo Cunha tem vários poemas musicados por grandes compositores, como Renato Lemos, André Abujamra, Luiz Macedo, Bernardo Rodrigues e Thelmo Lins, e tem feito a letra de composições musicais de alguns deles.

Podemos dizer que praticamente toda a sua obra se caracteriza pelo otimismo e pelo humor, entendido como visão de mundo, como diz nossa epígrafe.

1.2. Guto Lins

Este paulista-quase carioca desponta, há muito, como um dos grandes designers brasileiros dedicados à produção editorial, com extensa participação e premiação no Brasil e no Exterior.

É também professor, há 25 anos, do Departamento de Artes e Design da PUC-RJ, onde também fez mestrado em Literatura e faz doutorado em Design, cuja pesquisa foca a formação de professores, vinculada ao Laboratório de Linguagem, Interação e Construção de sentidos – o LINC.

Paralelamente à ilustração e ao projeto gráfico de livros de inúmeros escritores brasileiros, é autor e ilustrador de obras infantis e juvenis, com mais de cinquenta livros publicados e prêmios, como o selo de “Altamente Recomendável”, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, e o de Fomento à Cultura, do SESC-Rio. Participa com destaque, ainda, em mostras internacionais de ilustração.



2. ASPECTOS IMPORTANTES DA OBRA *O FIM DO MUNDO E OUTROS CONTOS*

Obviamente, não esgotaremos aqui todas as marcas interessantes desta obra, mesmo porque sabemos perfeitamente que as boas obras são inesgotáveis: cada lugar, cada época, cada fruidor encontra aspectos delas ainda não explorados. Por isso mesmo, elas resistem ao tempo, não morrem nunca. Estão vivas, hoje, obras de Sófocles, Dante, Camões, Bach, Chopin, Debussy, Rafael, Leonardo da Vinci, Rubens...

2.1. A empatia, sempre presente

O primeiro ponto a salientar neste livro de contos de Leo Cunha não será talvez novidade para quem conhece outras obras do autor, tanto em prosa como em poesia: a sua clara preferência por personagens ternas, capazes de dar sinais positivos para e sobre os demais seres humanos.

Nestes contos, suas personagens - crianças, adolescentes ou adultos, muitas vezes frágeis e até ingênuos, têm sobre o mundo e as pessoas um olhar de compreensão e acolhimento, sempre dispostos à surpresa e ao encantamento. Nos casos, abordando a adolescência ou, às vezes, a infância, os adultos acabam entrando, sobretudo para deixar aflorar as características dos mais novos. Os grandes são, em geral, pais e professores, tentando “orientar” os menores, mas às vezes estes é que têm a chave do caso. Daí seu humor divertido, sem apresentar nenhum tombo de alguém, nenhuma gafe grave das personagens, assim como a ironia é sutil, só às vezes aproximando-se da sátira.



Vejam o caso exemplar de “Os avarentos”: os espectadores acabam de aplaudir os artistas de uma peça de teatro ao ar livre, numa praça talvez, quase todos a elogiam, mas não são capazes de fazer um pagamento quase simbólico aos artistas. Uma das mães até tem, junto à filha, bons argumentos para um pagamento mínimo ao grupo, mas facilmente cedeu à posição contrária da filha. Com muitos outros espectadores, acontece isso ou pior. A crítica, quase velada, vem no título, que passa para o plural, substituindo o título da peça de Molière. Da mesma forma, em “Metamorfose” o equívoco tão simpático da professora de matemática, em torno da conversa dos quatro adolescentes, supondo que eles evoluíram muito, comparados à própria vida dela, é motivo de uma leve ironia: a metamorfose ocorreu mesmo, na narrativa, mas com a borboleta atrás da cortina. E, a não ser em “Como antigamente”, que acaba totalmente aberto, é comum que as narrativas tenham um desfecho em sorriso, ou riso largo, porque a expectativa do leitor é quebrada, mas sem qualquer personagem em situação desconfortável demais. Basta lembrar a cena final de “Curiosidade”, na qual o menino parece achar natural a explicação dos pais para a porta muitas vezes trancada do quarto: ruim mesmo seria estarem os dois comendo frango assado, sem a participação do filho.

Aqui e ali, aparece um coronel autoritário, ou pessoas sovinas, ou, numa escola, alunos propensos às trapagens, mas são uma minoria. Em geral, alguém consegue reabilitar o ser humano, como o menino que, no final da apresentação de uma peça e da arrecadação dos trocados, feita por Pimpolho, vai lá dar seu dinheirinho e dizer que tinha escolhido há pouco sua profissão: ia ser ator. Ou André, que “enfrenta” o instrumento desafinado do Coronel Duarte, para que todos se deliciem com um belo concerto.

Talvez o conto “Como antigamente” seja o mais complicado: exceto o professor, que tampouco é um poço de simpatia, assim como o “caxias” da turma, os estudantes personagens têm caráter duvidoso – uns, mais; outros, menos. Mas eles e os demais “fora dos eixos” não são propriamente vilões, e talvez não mereçam o fogo eterno. Aparecem em alguns poucos contos só para nos lembrar que gente assim existe, e nos reconciliarmos com a espécie humana pelo resto dos contos, e talvez da vida... A vida, afinal, vale a pena, e o otimismo pode ser a melhor lente para enxergá-la.

Esse é outro dado, de certo modo ligado a essa empatia, dominante nos contos: não há figuras exemplares de vilões, nem os típicos mocinhos e grandes heróis. O que há são figuras muito próximas das humanas, pessoas comuns, simples, em geral “do bem”. Por isso mesmo, cabe tão bem a escolha do gênero conto: passagens interessantes de uma vida são contadas, quase sempre com leveza e aquele humor bastante ameno, já comentado.

2.2. O narrador e os discursos (EF69LP47)

A questão do gênero literário, em especial o conto e seus ingredientes foram a base de nossa conversa com os alunos, no já referido texto de apoio. Obviamente, não é o caso de repetir as informações lá apresentadas, não apenas porque as conhecem, como têm também o livro do estudante. Aqui, abordaremos em especial a figura do narrador e várias escolhas narrativas decorrentes dele. Afinal, criando um narrador, o autor quer fazer crer que é essa figura que “dá as cartas”, como um diretor da cena.

2.2.1. O narrador como personagem e como observador

Como já comentado, nestes contos temos tanto o narrador personagem – protagonista ou não - a discutir -, com a narrativa em primeira pessoa, como também o narrador observador, com a narrativa em terceira pessoa.

No caso de narrador personagem, temos casos interessantes, nos três contos: “*Hashtag*”, “O fim do mundo” e “Mangabal”.

Em “*Hashtag*” e “Fim do mundo”, a personagem conta um episódio a um interlocutor, que não aparece claramente: no primeiro, possivelmente um amigo, e, no segundo, a cantineira, que não está entendendo nada da confusão dos alunos e quer que a professora simplesmente abra a porta do refeitório da escola.

No primeiro conto, já nas suas primeiras linhas, e em outras passagens, o protagonista responde a perguntas do seu ouvinte.

Foi na manifestação de 2013 que conheci essa menina, e nem te conto! Não, cara, não era exatamente linda. (p.13)

O que é que eu estava fazendo ali? Boa pergunta. (p.13)

O que ele falou? Um tanto de coisa. (p.14)



Desse caso, porém, nada sabemos depois de 2013. Estamos no escuro: sabemos apenas, pela *hashtag* do final, que o narrador passou a gostar de História, e possivelmente até do professor... O início do conto, acima indicado na primeira citação, é claramente a continuação de uma conversa. Mas por quê, anos depois (talvez, nove), ele conta ao amigo o início da relação dele com a jovem? Estarão se casando? Estarão se separando, para tristeza o narrador? O leitor que trate de dar o fim que lhe aprover.

No segundo caso, a protagonista fala com uma dona Lourdes, que o leitor imagina ser a diretora da escola:

Minha intenção era a melhor possível. Juro pra senhora. (...) Só não esperava, dona Lourdes, que o negócio ia desandar desse jeito! (p. 27)

E, ao longo de todo o conto, ela vai contando à dona Lourdes sua infeliz ideia de inventar um meteoro caindo na Terra e argumentando por que ela não pode "abrir imediatamente essa porta". E, só na última fala, a professora deixa claro quem é a dona Lourdes e a razão de não abrir a porta... da cantina!

Eu entendo, Dona Lourdes. Sei que a senhora não tem nada a ver com isso e está só querendo terminar de limpar as mesas, que esse é o seu trabalho, e eu estou atrapalhando. Mas, se eu abrir essa porta agora, os alunos vão sair catando tudo aqui das prateleiras. A senhora não imagina como o fim do mundo dá fome na gente! (p. 30)



No terceiro conto em primeira pessoa, "Mangabal", temos uma situação muito especial: na nossa opinião, o narrador aqui confunde-se com o escritor.

Quando falamos sobre o narrador, sempre fazemos questão de distingui-lo do autor: o primeiro é tão invenção do autor como qualquer personagem: apenas lhe dá poderes especiais de aparente "controlador da narração", através do foco narrativo. Essa mistura dos dois ocorre em textos marcadamente memorialísticos, e o autor nem esconde isso. (Há discussões, na literatura, sobre quanto o autor se distancia do narrador, mas essa é uma questão que não cabe aqui. Só lembramos que Gustave Flaubert, criador de *Madame Bovary*, disse, com todas as letras: "Madame Bovary sou eu.")

Conhecendo, contudo, a história do autor, podemos supor que esse pequeno conto é uma lembrança do escritor adolescente, numa viagem verdadeira. Isso torna essa narrativa completamente diferente das demais: é muito mais curta, não há discurso direto, não há uma situação cômica ou conflituosa que gere a narrativa. A repetição da mesma frase "A viagem era longa demais, o carro estava detonado, a estrada era só buraco, quase sempre chovia muito", por quatro vezes, a cada novo momento da viagem (ida, chegada, volta e a reflexão final) cria um tom poético, que os demais contos, mais ligados ao humor, não têm. É quase um miniconto, que conta da efemeridade da vida, e faz uma homenagem a duas figuras certamente importantes na sua vida: o avô e o pai. Não à toa é o último conto do livro.

Não cabe discussão sobre o protagonismo do narrador de "Hashtag", mas nos dois outros contos talvez tenhamos dúvidas quanto a escolher se a protagonista é a professora ou a turma enlouquecida com a notícia inventada por ela, e se, em "Mangabal", o tom memorialístico é suficiente para fazer do narrador o protagonista, ou se ele mesmo gostaria que esse peso fosse dado ao pai e ao avô. Ainda bem que não precisamos de rigidez absoluta nesses casos!

Nos contos em terceira pessoa, o narrador se apresenta muito pouco: os trechos narrados são curtos, e, na maior parte dos contos, a palavra fica com as personagens, pensando, ou dialogando com alguém. Desse modo, o narrador faz a chamada "caracterização indireta das personagens" deixando para o próprio leitor a função de fazer o retrato da personagem, através de suas ações e de sua fala. E, mesmo quando está narrando uma cena, ele permite que a personagem, com suas palavras e emoções, invada a sua fala, criando um tipo especial de discurso, do qual vamos tratar, a seguir, abordando os discursos das narrativas de *O fim do mundo e outros contos*.

2.2.2. Os discursos nos contos (EF69LP47)

Por certo, vocês conhecem perfeitamente este assunto, mas vamos apenas resumi-lo, para observarmos particularidades dos discursos nesta obra.

O discurso é a forma como, numa narrativa, o narrador escolhe levar ao leitor o pensamento ou a fala da sua personagem. Ele apresenta três possibilidades:

- **O discurso direto**, no qual o narrador passa a palavra para a personagem, quando ela pensa ou dialoga com alguém. Na narrativa, pode aparecer entre aspas, depois de dois pontos, ou no parágrafo seguinte, antecedido de travessão. O famoso "verbo dicendi", indicador da fala, pode aparecer antes da fala, normalmente com dois pontos, ou logo depois da fala, geralmente com travessão. Muitas vezes, o contexto o dispensa porque a sequência indica quem fala, como, por exemplo, no diálogo entre só duas pessoas, ou se o autor da fala não é muito importante.

Vejamos um diálogo de "A nota", quando surge o barulho do celular do coronel:

- É um grilo! – a mãe de André sugeriu, em voz baixa.
 - Um quê? – alguém sussurrou.
 - Um grilo! Eu já vi isso acontecer..
 - Num filme?
 - Não, num poema. Tiveram que chamar a polícia pra prender o bichinho. Em Minas, até os grilos amam fazer música. (p.75)



Vejam que, indicadas as personagens do diálogo (você se lembra: a mãe de André gostava mesmo era de poesia), já se sabe quem explicou a presença do grilo. Já o interlocutor da pergunta: - *Num filme?*, pode ou não ser o mesmo que pergunta: - *Um quê?*

Outro ponto interessante é que os verbos *dicendi* podem ser substituídos por quaisquer outros, que indiquem sentimentos ou a reação do falante, como este trecho também de "A nota".

E foi isso o que todo mundo ia fazendo. Se não fosse o André, que naquele instante empinou na cadeira e desafiou:

- Coronel, o senhor me desculpe, mas o seu instrumento desafina muito nesse teatro! (p. 76)

O discurso direto é dominante nos contos do livro, e "Metamorfose" é um excelente exemplo desse discurso, seja pela construção dos diálogos, seja pelo uso dos verbos *dicendi* e substitutos: há mais de vinte verbos diferentes usados nesses casos.

A segunda forma do discurso é o **indireto**, em que o próprio narrador "traduz", inclui na sua narração a fala da personagem. Desse modo, adjetivos ou advérbios do narrador é que indicam, quando é o caso, as emoções e a atitude da personagem. Vejam que todos os tempos verbais e os pronomes pessoais ficam no tempo do narrador.

"O pai, já começando a perder a paciência, tentou argumentar no ouvido da mãe que era melhor parar por ali e responder o menino. (p. 85)

Damos apenas um exemplo do discurso indireto porque ele é raro no livro, e, quando acontece é no conto em primeira pessoa, sujeito assim às emoções do narrador, como em "Mangabal", no qual o narrador usa sempre o verbo "jurava" para as promessas do pai e do avô: o primeiro, dizendo que iria construir uma casinha na ilha, e o avô, assegurando que "este era o último ano em que ia a Mangabal."

A terceira forma de discurso é aquela que mistura elementos dos dois discursos anteriores: o narrador continua com a sua narração, mas a personagem se intromete na fala dele, expressando suas emoções. É o **discurso indireto livre**, que aparece com enorme frequência nos contos deste livro.

Vejamos alguns exemplos de "A nota":

A mãe gostava mesmo era de poesia, mas corria satisfeita. O pai ia desajeitado, a gravata até levantando de orgulho do menino. Não era rico, não tinha terras sem fim nem carrões importados, feito os Duarte, mas tinha um filho de oito anos que entendia de orquestra. Sabe lá o que é isso? (p. 73)

Observem que as frases sublinhadas são do pai, orgulhoso do filho. Os verbos são do narrador (pretérito imperfeito, e terceira pessoa do singular), mas o comentário é claramente do pai. E termina com a própria frase dele, mas sem nenhum elemento gráfico do discurso direto.

Mais adiante, quando todos ouviam em silêncio o concerto, com André identificando os movimentos da música, conta o narrador:

Mas o que era aquele som estranho, que surgiu de repente, voando perdido pelo teatro, inventando uma absurda oitava nota musical?

Trém trém trém...

Não era um violino de corda desacordado, não era uma flauta engasgada, não era um cravo destemperado. Que som era aquele, meu Deus? (p. 74)

Mas ninguém ligou: isso tudo o Coronel Duarte já fazia há muito tempo. Então, em vez de morrer de medo, todo mundo voltou aos seus lugares. Amanhã, o Coronel podia fazer o que quisesse com a sua nota. Hoje não, era dia de concerto, e a cidade só tinha ouvidos para as sete notas musicais. (p.78)

Aos trechos sublinhados trazem a surpresa, primeiro, e, depois, a alegria da plateia: de novo, os verbos são do narrador, mas a surpresa, as interrogações, a descrição, são de pessoas da plateia, talvez até de André, que entendia de instrumentos e seus sons. (A notar, a brincadeira com os adjetivos atribuídos aos instrumentos: o violino, com corda desacordada; a flauta, de sopro, engasga; e o cravo está destemperado, alusão a um conjunto de composições para o cravo, *Cravo bem temperado*, de Bach.)

Um outro, entre os muitíssimos desse discurso no livro:

A professora de matemática ficou se lembrando de quando tinha 12 ou 13 anos, como aqueles alunos. Será que ela discutia assuntos tão profundos com os colegas? Como as crianças de hoje estavam mudadas... que metamorfose! (p.35)

De novo, vejam que os tempos verbais são do narrador, assim como os pronomes pessoais, mas as perguntas, a interrogação, o “de hoje” são da professora.

2.2.3. A oralidade (EF69LP55)

Terminamos esse item abordando um ponto importante do discurso direto e do indireto livre: a adequação da linguagem das personagens. Como as expressões e a construção da fala, aqui nos contos, são sobretudo de crianças, adolescentes e jovens, a linguagem oral deles vai apresentar forçosamente as simplificações, as trocas de pronomes e de verbos que a maioria dos falantes da Língua Portuguesa usa, na mesma situação, e com mais razão crianças e adolescentes. É uma questão de verossimilhança: cremos que vocês não acreditariam no conto em que nossas personagens, adolescentes e jovens falassem, no calor e na espontaneidade do diálogo, por exemplo:

- Olhe, turma, há alguém achando que é Einstein..., em vez de - *Olha, turma, tem gente achando que é Ásten...*;

Ou

“...eu conheci uma menina sobre a qual nem lhe conto”, e não “... eu conheci essa menina, e nem te conto”;



Ou

“- Estou zombando de você”, no lugar de “- Tô zoando. *Eu também chamo de hashtag.*”

Afinal, essas nossas personagens fazem comparações, usam interjeições, um vocabulário e uma construção sintática que têm de apresentar coerência com a linguagem de nossas crianças, adolescentes e jovens. Ou estas personagens seriam de outro planeta...

Esse coloquialismo, em outra medida, existe também na figura do narrador, que procura aproximar-se do leitor, seu interlocutor privilegiado: muitas vezes, chama-o para a narrativa, como em “Curiosidade”:



Os pais se viravam pra responder a bateria de questões, mesmo quando não sabiam a resposta. O diabo é que o menino inventava de escolher as piores horas pra ter seus ataques de curiosidade.

Porque, você sabe, não dá pra ficar respondendo a tudo quanto é pergunta de um curioso profissional. (p.83)

Essa oralidade é perfeitamente cabível sobretudo quando predomina um tom de humor, que já enfatizamos algumas vezes e que só não caberia no depoimento emocionado do último conto.

Vale ressaltar um ponto pacífico na teoria literária: essa oralidade, vinda ou não do humor, mas apontada para o leitor, em nada diminui a escrita literária. A conotação, traço fundamental da linguagem da arte e, portanto, da literatura, percorre as páginas desta obra, onde despontam a metáfora, a hipérbole e a comparação, para citar algumas figuras.

2.2.4. A Intertextualidade (EF89LP05 e EF89LP32)

Um recurso muito importante, usado por Leo Cunha na maioria dos contos desta obra, é a intertextualidade.

Lembremos, aqui, ainda que rapidamente, o conceito de **intertextualidade**: para a nossa área da Linguagem, é o reaproveitamento que alguém faz do que foi dito ou feito por outra pessoa. A primeira observação importante a se fazer, com relação a esse fenômeno, é que, embora costumemos estudar o seu uso sobretudo nas artes, ele é um dado de todas as culturas, envolvendo a todos, do homem comum, ao cientista e ao artista. Podemos dizer que o nosso momento no mundo, de alguma forma e em alguma medida, sempre se beneficia de todos os momentos anteriores: as maiores novidades e conquistas de nosso tempo certamente se valeram de todos os avanços passados. A descoberta da vacina de hoje é resultado, com toda certeza, de estudos, bem-sucedidos ou não, de muitos outros cientistas. São todas elas “intertextuais”, da mesma forma que, na arte, milhares de cópias da Santa Ceia, de Leonardo da Vinci, ocupam salas de jantar do mundo inteiro.

Também estamos empregando a intertextualidade quando repetimos um ditado popular, que ninguém sabe quem criou, há séculos, e é usado na nossa família. Intertextualidade, é, enfim, um texto dentro outro texto, um diálogo entre textos. (Texto, aqui, deve ser entendido como qualquer enunciado que tenha significado para um interlocutor, não obrigatoriamente num código verbal.) Assim, mesmo sem saber, e sem conhecer nome tão pomposo, todos nós fazemos uso desse recurso, que os artistas usam, trazendo para sua obra um significado estético especial.



A intertextualidade tem dois eixos principais: a **paráfrase** e a **paródia**.

A paráfrase surge quando a ideia da obra "matriz" é mantida, confirmada, mesmo que modificada em detalhes. É o caso dos resumos, dos recados, das histórias clássicas que são reescritas, ou adaptadas, ou recontadas. Ou quando um diretor adapta para o cinema um romance, conservando, na essência, seu pensamento e seu enredo. Um emprego especial da paráfrase é a citação, quando tomamos, com a devida indicação, um trecho de alguém. Quando usamos a citação, no início de uma obra, para iluminar algum ponto importante seu, temos a epígrafe, que aparece neste Material, com uma frase de Ludwig Wittgenstein.

A paródia, ao contrário, subverte a ideia do texto "inicial", ou matriz: muda-a substancialmente, em geral com a intenção de discordar, criticar, mostrar um "outro lado" da questão. Com isso, em geral, cria o humor, claro nas sátiras, por exemplo. No caso da literatura clássica, e sobretudo para crianças, é comum se escreverem "as verdadeiras histórias" dos contos de fadas, mudando o narrador, e dando um outro ângulo do retrato das personagens, ou seu destino.

Vejamos alguns casos deste recurso nesta obra de Leo Cunha.

Falando primeiro da literatura, temos, no conto "A nota", a inspiração vinda de um poema de Carlos Drummond de Andrade, "Parceiro de Bach", da belíssima obra *Boitempo*, no qual o grilo concorre com os sons emitidos pela orquestra. Da mesma forma, uma notícia de jornal possibilitou a criação do conto "Fim do mundo". Também personagens fazem citações de obras, como Edmundo, em "Como antigamente", falando de *Cyrano de Bergerac*, peça criada por Edmond Rostand (vejam a coincidência dos nomes), e como o pai de Pimpolho, falando ao público que viu a peça *O avaro*, de Molière. Mas neste conto há ainda outra forma de intertextualidade: a alusão ao próprio teatro de rua, com pernas de pau, de um grupo chamado Vagão, para nós, numa alusão e homenagem a um dos grupos brasileiros mais importantes de teatro de rua, o Galpão, de Belo Horizonte. E há, ainda, uma alusão à poesia popular, em redondilhas (versos de sete sílabas), para anunciar a atividade ou agradecer a participação do público, no final do espetáculo, expediente secular dos artistas populares.

Assim, nos contos, teatro e poesia criam bons exemplos de intertextualidade, mas há também a reverência à música erudita, no delicioso "A nota", onde André exige que as sete notas musicais comandem a noite.

O cinema, por sua vez, recebe várias citações em "Hashtag", nas conversas do narrador com os cinéfilos Clarissa e seu pai, por acaso, o professor de História dele: a série *Star Wars* é citada, de várias formas. Em "Como antigamente", Edmundo tenta ver se a cabecinha bonita do Cristiano se lembra do livro, da Ediouro, ou de uma das versões cinematográficas da peça *Cyrano de Bergerac* – a francesa, estrelada por Gerard Depardieu, ou a americana, com o título *Roxanne* e roteiro e participação, como ator, de Steve Martin. O rapaz chega a fazer um resumo do livro/peça/filme, cuja personagem acaba por ganhar importância em toda a narrativa: "Não se fazem Cyranos como antigamente." é a frase final da narrativa. De novo, no resumo, nas referências de situações do filme, temos bons exemplos da intertextualidade com o cinema.

Dessa forma, podemos dizer que o autor Leo Cunha não se cansa de reverenciar criadores de diferentes linguagens artísticas e suas obras.

2.2.5. A Metalinguagem em *O fim do mundo e outros contos* (EF69LP47)

Em *O fim do mundo e outros contos* há um outro tipo de intertextualidade, exatamente no conto que está no título do livro: a chamada **metalinguagem**, a função da linguagem na qual a obra, tanto informativa quanto artística, ou um texto, fala de si mesmo.



Assim, temos metalinguagem, quando a pintura explora a própria pintura, um filme trata do próprio cinema; a literatura fala da literatura. Da mesma forma, o dicionário e a gramática são exemplos de metalinguagem: o primeiro explica com palavras as palavras, e a segunda usa a língua para explicar suas próprias estruturas. Eis alguns exemplos de metalinguagem, em várias áreas:

1. quando um pintor faz seu autorretrato. E muitos pintores fizeram isso, como Leonardo da Vinci, Van Gogh, Norman Rockwell;
2. quando Alfred Hitchcock aparece por segundos em alguma cena de vários de seus filmes: é como se ele estivesse assinando sua obra; o diretor praticamente assinando-os, e é um caso de metalinguagem. Da mesma forma, quando Woody Allen, em *A roda púrpura do Cairo*, faz uma personagem do filme sair da película, para comentar uma situação do filme com uma jovem e infeliz senhora da plateia;
3. quando Carlos Drummond de Andrade escreve, no seu poema *O lutador*: "Lutar com as palavras/ é a luta mais vã. Entanto lutamos/ mal rompe a manhã";
4. quando, na composição *Realejo*, Chico Buarque imita o som e o ritmo de um realejo, que ele só finge que quer vender...

E o que temos no conto "Fim do mundo"? Ao longo da narrativa, a professora vai explicando para a dona Lourdes, cantineira da escola, por que ela falou em um meteoro chegando à Terra. E, a cada momento, lembra sua fala, que deu origem à confusão toda da turma.

Possivelmente sem saber que estava criando um caso muito interessante desse fenômeno linguístico, ela fez uma metalinguagem. Da mesma forma, a professora de matemática de "Metamorfose" ao explicar que a tia Consuelo do aluno Fábio não "histérica", e sim "esotérica", está usando o mesmo expediente.

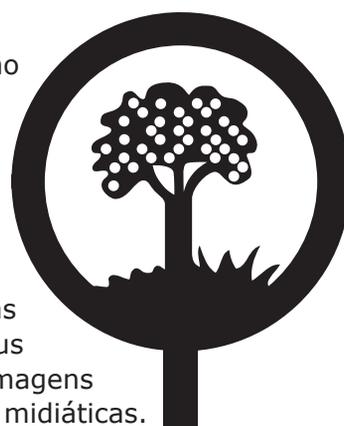
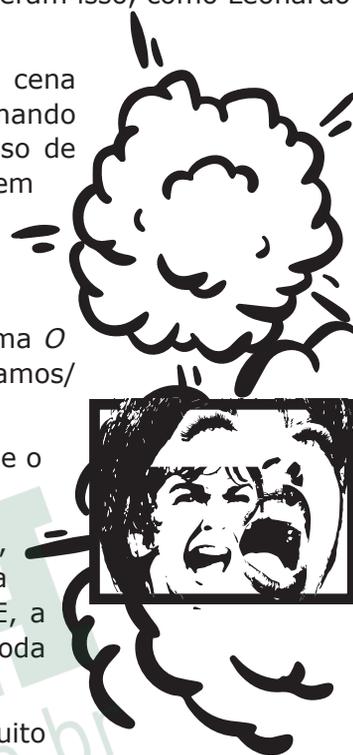
Naturalmente, não esgotamos com essas observações as características dos contos deste livro, mas acreditamos que vocês encontrarão elementos que a sensibilidade de cada um(a) apontará, para comentar com seus alunos.

2.3. O projeto gráfico de *O fim do mundo e outros contos*

(EF69AR04)

Tratando-se de uma obra para alunos do final do Ensino Fundamental, não é o caso de ela ter muitas imagens, coloridas. E, sendo constituída de contos, cabe mais um projeto cujas imagens, em preto e branco, sintetizem cada um deles, segundo a visão do ilustrador. E parece-nos que Guto Lins faz isso brilhantemente, acompanhando sobretudo o humor de cada texto.

Convém notar que, como grande designer, o artista inspira-se, como faz em seus próprios livros, na chamada *pop art*, que, nascida na década de 1950, mantém-se muito forte no design, mais talvez do que em telas, como em sua origem, com grandes artistas plásticos como Andy Warhol, Jasper Johns, Roy Lichtenstein, todos norte-americanos, embora tenha surgido na Inglaterra, com Laurence Alloway, Richard Hamilton, entre outros. Como reação à abstração do expressionismo, a *pop art* (abreviação de "Arte Popular") pretendeu levar as artes plásticas a todas as camadas da população, para o que emprega sobretudo seus ícones: garrafas e latas de refrigerantes, automóveis, embalagens, imagens dos quadrinhos, das revistas e dos anúncios, além das pessoas midiáticas.



É famoso, por exemplo, a tela de Warhol em que repete, em várias cores, uma foto de Marilyn Monroe, uma das mais famosas artistas do cinema da época. No Brasil, a *art pop* é representada por nomes como Claudio Tozzi, Antonio Dias e Romero Brito. No desenho propriamente, a *art pop* aproxima-se do esboço e às vezes da caricatura.

Observem que, introduzindo cada conto, Guto Lins utiliza várias imagens, com elementos importantes do texto.

3. A ABORDAGEM DA OBRA LITERÁRIA NA ESCOLA

Para sugerir a vocês formas de exploração da obra *O fim do mundo e outros contos* com seus alunos, parece-nos fundamental tratar, primeiro, da forma como se dá o conhecimento da obra de arte, segundo muitos teóricos importantes. Mesmo enfatizando a abordagem da literatura, algumas vezes nos apoiaremos nas experiências mais significativas que temos com outras manifestações artísticas.

3.1. A primeira leitura da obra literária

Vocês se lembram do pedido, feito a vocês ainda na nossa carta, de que lessem a obra que iríamos explorar antes mesmo de ler as páginas deste Material? Lá, explicamos-lhes que essa leitura prévia ajudaria o acompanhamento de nossa longa conversa. E falamos a verdade. Mas há um outro motivo, mais importante, porque mais geral, vale para todos, e independente deste Material. E o vamos explicar, agora.

Entre os estudiosos e teóricos da arte, é predominante a opinião de que o primeiro contato com a obra – seja qual for a linguagem em que ela se expresse: um filme, uma pintura, uma música, ou um conto –, deve ser o encontro entre criador e fruidor. Este, desarmado, tem o direito de chegar à obra com sua história, suas experiências, seu gosto e sua percepção do mundo, sem análises, interpretações e recomendações prévias, independentemente de quem as faça. Nesse diálogo inicial, a voz do criador não deveria ser encoberta pela interferência de nenhuma outra voz fora da obra. Desse modo, cada fruidor vai entendê-la e apreciá-la com dados seus, apreendê-la como sua história lhe permite.

Podemos dizer que a obra de arte tem um quase infinito número de camadas, e cada fruidor vai atingi-las segundo muitas variáveis de sua vida. Conforme seja o prazer e as descobertas desse primeiro contato, vai procurar voltar a ela, de algum modo, ou ficar nesse primeiro encontro.

Por isso, especialmente para a obra de arte, temos de falar sempre em muitas e diferentes leituras possíveis. Afinal, a literatura faz o uso preferencial da **conotação**, que é o sentido ou sentidos agregados ao sentido (ou sentidos) mais neutro, impessoal e universal. O sentido dicionarizado da palavra constitui a **denotação**. Se, na informação e na ciência, precisamos do menor número possível de dúvidas e duplas interpretações, em função do serviço que prestam e seus objetivos, é essencial que elas façam uso da denotação. Se a arte, ao contrário, busca a ambiguidade, abertura para leituras e reações diferentes, ela deve privilegiar a conotação.

Este primeiro encontro, portanto, deveria caracterizar-se pela pura fruição, sem qualquer outro objetivo que não o de conhecer a obra, “curtir” o que ela nos diz, sem qualquer obrigação ou compromisso. E, ao longo de nossas vidas, em geral, tal encontro torna-se único, para a maioria das obras de arte: vemos uma vez uma peça de teatro, uma exposição, um filme, e lemos uma vez um livro. Se, no entanto, somos tocados pela obra de um modo especial, voltamos a ela, uma ou muitas vezes, se esse contato é possível, ou ela permanece na nossa lembrança, e a revivemos em pensamento ou emoções. Mas esse encontro, espontaneamente repetido, tem, de novo, a intenção de fruição. É dado importante – acabamos “descobrir” na obra coisas novas. Porque, revendo-a, já crescemos, e ela “cresce” conosco.

É esse encontro inicial que vamos chamar de “primeira leitura”, e é também fundamental no caso da literatura. Em qualquer trabalho de mediação da leitura, antes de qualquer “estudo”, interessa aproximar leitor e obra literária - inicialmente apresentando-lhe o texto, para pura fruição, que podemos chamar de “curtição”.

Se essa pura fruição é pretendida e feita por adultos e especialistas, é ainda mais importante para os mais jovens. Por isso, essa primeira leitura tem de ser uma constante, na escola, e, sempre e o mais possível, na família. E dessa frequência em ouvir/ler literatura desde muito cedo nasce sempre - ou quase sempre - o apaixonado pelas obras literárias, da mesma forma que ver televisão e ouvir música, ou ir ao campo de futebol, cria aficionados e frequentadores da tv, da música e do jogo (ou de um time) de futebol.

Nossa sugestão a vocês, portanto, é que procurem sempre incentivar a leitura espontânea dos alunos, a escolha de novas obras, sem a “tutela de interpretação” de ninguém, leitura que não será trabalhada nem cobrada por ninguém. E que vocês leiam obras em sala de aula para seus alunos - crônicas e contos, ou uma novela e romance em capítulos. Acreditem: esse tempo ganho (e não gasto) com a literatura soa para eles como um sinal claro de que essa experiência é tão importante quanto a lição de geografia ou de matemática. E essa audição de literatura, tanto quanto a leitura espontânea dos alunos, criam momentos de lazer e prazer (o que já tem enorme valor), mas têm outro valor importante: desenvolvem uma área importante do leitor: a da criação de gostos, preferências, opiniões, valores e ideais.

3.2. A segunda leitura da obra literária

Além de procurar sempre proporcionar muitas oportunidades da primeira fruição da obra literária, a escola deve ter o objetivo de qualificar a leitura de seus estudantes, sejam crianças, adolescentes ou jovens (e adultos também). É fundamental ajudá-los, pouco a pouco, a ouvir e olhar com mais cuidado, a perceber as estratégias usadas pelo autor (e pelo ilustrador, se a obra for ilustrada) para passar ao leitor sua visão de mundo e suas emoções. E, ao observar os elementos da obra literária, o aluno vai melhorar sua leitura de todas as linguagens artísticas, como também vai apreender mais facilmente significados subjacentes de qualquer comunicação ou situação de que participe: afinal, o significado do texto está, muitas vezes, nas entrelinhas. Dessa forma, torna-se mais sensível, crítico e criativo.

Uma forma importante de atingir esse objetivo é oferecer aos alunos a oportunidade de uma segunda leitura da obra, convidando-os a mergulhar com gosto em obras significativas (não em todas), com atividades que propiciem um outro olhar sobre elas.

Essa retomada do texto literário não tira a emoção do primeiro contato: ao contrário, descobrem-se mais caminhos de interpretação e de fruição. E, à medida em que os alunos vão fazendo novas “segundas leituras”, mais vão qualificando sua primeira leitura, tornando-se capazes de perceber, já no primeiro contato, a qualidade de uma nova obra, criando bons critérios (ainda que pessoais) de escolha de novas leituras.

Cabem algumas observações sobre a segunda leitura, para que ela surta os resultados pretendidos.

A primeira é que ela não precisa e nem deve ser feita com todas as obras. De fato, essa leitura vertical é mais demorada e pode cumprir seus objetivos com menos obras do que as desejáveis para a primeira leitura, de abordagem mais horizontal. Naturalmente, serão escolhidas para essa retomada as obras que, na avaliação cuidadosa do professor, têm elementos capazes de mais surpreender e enriquecer seus alunos.

Outra consideração a ser feita é que a segunda leitura tem de realmente vir na medida e na forma adequada ao nível dos alunos. Eles devem ser capazes de apreender a questão proposta, ou a sua explicação vinda do professor, no caso de uma questão ou informação nova.

Por último, é importante lembrar: essa segunda leitura deve mesmo ser feita com livros que passaram pela leitura de fruição, não só por aquela questão de direito que todo leitor tem, mas até por economia, uma vez que vários momentos da experiência já terão sido vividos, e pelo fato de o professor já ter uma avaliação da acolhida da obra pela turma.

Apresentadas as duas abordagens, cabe concluir que ambas são muito importantes para o desenvolvimento do gosto pela leitura, exatamente por terem objetivos distintos, cada uma com suas opções e estratégias.

Para cada uma delas, apresentaremos adiante sugestões de trabalho especificamente com *O fim do mundo e outros contos*. Caberá a vocês, conhecendo bem sua turma, escolher por fazer apenas a primeira abordagem, ou optar também por sua retomada.

Da mesma forma, vocês é que podem avaliar adequadamente todas as nossas propostas e, em função de seus alunos, refazer, substituir, descartar qualquer delas. Além disso, em vários momentos sugerimos perguntas e respostas, as quais, validadas, certamente serão diferentes da maneira de vocês perguntarem e de seus alunos responderem: são apenas sugestões e hipóteses.



4. SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA A PRIMEIRA LEITURA DE *O FIM DO MUNDO E OUTROS CONTOS*

Nesta seção, apresentaremos os momentos que vocês quase sempre têm costume de empregar em qualquer nova experiência de aprendizagem: a motivação para a leitura - a pré-leitura; a leitura da obra; e a avaliação - a pós-leitura. Acrescentamos, ainda, uma proposta de atividades opcionais, para estendermos as experiências com a obra, conforme o interesse da turma. Frequentemente, a obra sugere e possibilita incursões em novas leituras, mas também discussões, pesquisas e produções de textos, e não podemos perder essa oportunidade de enriquecimento, prolongando, de alguma forma, a presença da obra na vida dos leitores. É o momento que chamamos "Indo além da obra".

LEMBRETE: Apesar de reunirmos as perguntas, quando relacionadas, o melhor é sempre fazer uma a uma, dando tempo para a resposta a cada uma delas.

4.1. Criando motivos para ler a obra - a pré-leitura

(EF69LP29, EF89LP33 e EF69AR04)

Acreditamos ser inevitável começar a conversa com os alunos buscando conhecer as suas eventuais informações e preocupações com o fim do mundo.

- *Pessoal, eu queria conversar com vocês sobre um assunto muito especial, que, volta e meia, vem à tona: o fim do mundo. Vocês ouvem notícias a esse respeito? É um assunto que preocupa vocês? Em família, ele é tratado? Alguém em casa usa a expressão "É o fim do mundo!!!"? Alguém tem medo, em casa, de que isso aconteça?*

(Deem tempo para os alunos se expressarem, com toda espontaneidade e deem seus depoimentos. Vejam se ficam intrigados, por esse tema surgir, aparentemente sem motivo, lançado por vocês.)

- *O quê, na opinião de vocês, poderia trazer o fim do mundo?*

(Incentivem-nos a falar, sem obrigá-los a isso. Talvez apareçam opiniões em torno de problemas de meio ambiente, ou guerras nucleares, como aventam governos do mundo, o choque entre astros, alguma hipótese religiosa. Considerem todas as hipóteses surgidas e deixem que discutam cada uma delas. Vocês podem incrementar o debate, comentando-as também.)

- E vocês já viram documentários na televisão, ou leram livros que toquem neste assunto? Quais?

(Ouçam eventuais depoimentos sobre documentários, filmes e livros.)

- Pois eu trouxe para vocês um livro muito, muito interessante, onde aparece esse assunto. É este aqui (mostrem a capa). Vejam o título: *O fim do mundo e outros contos*. Alguma coisa, na capa, sugere o fim do mundo? Vocês sabem que, além da capa da frente, temos a chamada quarta capa, que completa a primeira. O que há nesta quarta capa?

(Eles vão observar que a imagem, em verde, sugere uma explosão, sobre o fundo preto. E toda a quarta capa é preta, sugerindo a ausência de tudo.)

- Mas voltemos ao título. Será que os outros contos do livro falam também do fim do mundo? Por quê, sendo vários contos, o autor terá escolhido exatamente o título possivelmente de um deles para estar na capa do livro? Vocês imaginam alguma razão para isso?

(Estimulem os alunos a fazer hipóteses. Sobre a escolha do título, eles devem supor que deve ser o mais chamativo, o de maior impacto – e terão toda razão.)

- Bem, para responder a essa questão, vale a pena a gente conhecer os dois artistas que fizeram este livro. O escritor é o Leo Cunha, e o autor do projeto gráfico é o Guto Lins. Vocês já leram livros de um ou de outro?

(Vejam se os alunos conhecem um e outro e que contato têm com a obra dos dois. Ambos devem ter várias obras na biblioteca da escola. Seria interessante vocês pegarem lá, emprestados, os livros deles, para mostrarem aos alunos. Por exemplo: o MEC/FNDE possibilitou às escolas a aquisição de obras de Leo Cunha, como *Ninguém me entende nessa casa*, *Manual das desculpas esfarrapadas*, *A sorte pulou da janela*, *A tela que nos habita*. Da mesma forma, Guto Lins teve selecionados títulos, como *A hora H*, *Contos mínimos*, *Caderno de viagens*.)

Se não puderem ter esses livros de Leo Cunha em mãos, comentem os seus títulos.

- O que acham dos títulos das obras do escritor? Sugerem ambientes tristes, um clima pesado?

(É bem provável que eles percebam algo de humor nesses títulos. Se for o caso, apelem para os gêneros das obras, que podem ajudar nessas hipóteses.)

- Pois é, os títulos dele pelo menos sugerem um pouco alguma coisa meio cômica, não é? Além disso, seria complicado fazer vários contos com o mesmo tema, não acham? Então, vamos ler, no sumário do livro, os títulos dos contos do livro.

(Vão lendo cada título, na ordem em que aparecem no sumário, e perguntem se dá para imaginar do que tratam. Por enquanto, é mesmo tudo probabilidade. Quando for o caso de um título com palavras plurissignificativas, como "A nota", ou "Metamorfose", ou com várias sugestões possíveis, como "Como antigamente", peçam que imaginem o que pode ser tratado no conto.)

- E o que sabem sobre o conto? Vamos lembrar algumas características desse gênero?

(Certamente, os alunos estão acostumados a ler romances, novelas e contos, e até já estudaram as características do gênero narrativo. Vejam se conseguem falar dele e dos seus três tipos mais comuns, hoje. Ajudem-nos a ir chegando às características do gênero e às diferenças mais claras entre romance, novela e conto. Façam na lousa o esquema, falando de narrador, personagens, acontecimento(s), tempo e espaço em cada um. Não é necessário aprofundar essa conversa, porque, no próprio livro deles, os alunos vão poder rever esses dados.)

– *Acho que eu vou ler um conto do livro para vocês. Vocês querem ouvir?*

(Escolham para ler um conto que lhes agrade muito e que consideram mais capaz de motivar os alunos para a leitura do livro. Obviamente, pelo seu tamanho, “Como antigamente” não se presta muito a essa atividade.)

Essa leitura, feita por vocês, é uma das nossas grandes convicções, quanto a seu poder de “ganhar” um auditório, ou leitores. Mas fica a critério de vocês usar ou não esse expediente.

Naturalmente, mesmo ouvindo o conto, é quase certo que eles o leiam de novo.

A nossa eterna recomendação para todos os mediadores de leitura – e desculpem fazê-la aqui! – é que essa leitura para eles não pode ser improvisada: o texto tem de ser lido, relido, até em voz alta, para que o ritmo, com silêncios e acelerações, e as nuances de tons sejam usados para a melhor recepção da história, chegando a eles com todas as emoções que ela oferece.

4.2. A primeira leitura da obra (EF89LP33)

Está na hora de os alunos receberem o livro para lerem seus contos.

Estipulem com eles um prazo adequado para a leitura da obra, em função das características da turma: ligação com a leitura literária, número de exemplares disponíveis da obra, outras atividades escolares. Se a motivação foi feita numa sexta-feira, é até possível que a leitura vire um lazer de final de semana, e, na aula seguinte, já se possa fazer a avaliação dessa experiência com a turma.

Se o prazo for maior do que o final de semana, reservem sempre alguns minutos para saber deles como está transcorrendo o processo da leitura: estão gostando dos contos? Leram todos na ordem em que aparecerem, ou escolheram outra ordem para os ler? A leitura de algum ficou pelo meio? Por quê? Querem fazer algum comentário sobre algum (sem *spoiler*)?

Esses minutos buscando informações sobre como está ocorrendo a leitura é importante para vocês, para sentirem como se dá, na turma, o processo da leitura, mas é fundamental, também para os alunos, que veem nessa atitude de vocês um interesse real pela experiência deles.

4.3. Avaliação da recepção da obra – a pós-leitura

(EF89LP35, EF69LP50, EF69LP13 e EF69LP23)

No prazo estipulado, procurem fazer uma conversa (não provas, resumos, nada que possa sugerir uma cobrança de “leu, não leu”), sobre o que eles acharam de *O fim do mundo e outros contos*. Procurem criar mesmo um clima de espontaneidade e franqueza, mais de apuração do que sentirem durante a leitura, ou depois dela, do que uma avaliação deles, propriamente. Porque é isso, mesmo, que se quer: entender como chegou a eles uma obra simples, com posições tão bonitas sobre o mundo e as pessoas. Não importa se, eventualmente, não tenham percebido claramente as melhores qualidades da obra: o fundamental é que a tenham lido. De repente, pode surgir na lembrança do leitor, sem nem ele mesmo esperar, alguma situação, alguma ideia, alguma figura do livro, justificando plenamente essa leitura.

– *Então, pessoal, o que acharam das histórias do livro? Alguma personagem agradou mais? Alguma não agradou? Por quê? Alguém quer falar de algum conto em especial, ou fazer algum comentário sobre os contos, alguma coisa diferente que viram neles?*

(Opinião sincera, de quem quiser opinar. Deem oportunidade que discutam, se houver opiniões divergentes, sempre possíveis e desejáveis. Se for o caso, vocês apenas oferecem contrapontos, para até dar mais elementos para a discussão. Se aparecer alguma opinião em torno de alguma personagem ou situação que será trabalhada mais profundamente na retomada da obra, digam que vão falar disso mais tarde, se for intenção de vocês fazer a segunda leitura).

– Vocês chegaram a ler o texto sobre a obra, no final do livro? Entenderam tudo?

(Depoimento pessoal, de quem quiser se pronunciar, e seria interessante que muitos se apresentassem para expor seu envolvimento com essa leitura.)

4.4. Indo além da história (EF69LP49, EF89LP34, EF89LP35)

Como já salientamos, as atividades propostas aqui são opcionais, e são uma forma de alongar a experiência dos alunos com algum elemento da obra lida: seu autor, seus temas, suas personagens, e também dela tirar proveito para a expressão escrita deles, já que a expressão oral vem sendo trabalhada ao longo de todo o trabalho com o livro.

Desse modo, sugerimos:

- A leitura de outros livros do autor, ou do ilustrador, possivelmente com obras disponíveis na própria biblioteca de vocês, ou da escola.
- Produção de um texto, escolhendo entre duas propostas:

A) Como vocês viram, professora de “O fim do mundo” confessou que desejava que seus alunos fizessem para seus familiares uma carta de carinho. Leo Cunha, no último conto, a seu modo, faz uma bela homenagem ao avô e ao pai.

Nossa sugestão é que os alunos produzam um texto falando de alguém da família, com o título: Meu / Minha _____.

B) O protagonista de “*Hashtag*” deixa sua história em aberto. Por que ele terá voltado ao assunto com o amigo?

Proponham a seus alunos que escrevam a continuação da história do protagonista. Os caminhos possíveis são muitos!

É mais aconselhável que as produções dos alunos sejam corrigidas e avaliadas com comentários na própria produção. Alguma questão de interesse geral pode ser aproveitada por vocês para tratar com toda a turma - algum ponto de ortografia, ou de sintaxe, da organização do texto, ou da adequação da linguagem, em função da proposta do texto feito. As especialmente interessantes podem ser lidas por seus autores em voz alta para a turma.

Assim, até aqui, vocês trabalharam com suas turmas a primeira leitura de *O fim do mundo e outros contos*. Pode ser que vocês considerem que essa experiência foi suficiente, e encerrar, nesse momento, a abordagem mais sistemática do livro.

Pode ser, porém, que achem que os contos do livro podem render mais, e que os próprios alunos gostariam (ou até precisariam) de discuti-los mais. É o caso de proporem a eles a retomada, ou segunda leitura da obra, para a qual sugerimos atividades na próxima seção.

5. SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA A SEGUNDA LEITURA DE O FIM DO MUNDO E OUTROS CONTOS (EF69LP13, EF69LP15, EF69LP47, EF69LP53, EF69LP54, EF69LP55)

Pedimos que, ao optarem pela segunda leitura, tenham sempre em mente os cuidados indicados na seção 2, com relação, sobretudo, à pertinência das condições da turma.



5.1. Proposta de atividades

Reforçamos, aqui, a sugestão de, em função do texto que irão discutir e do próprio perfil da turma, serem retomados com os alunos elementos estudados na seção 2 deste Manual, nos trabalhos que eles desenvolverão em grupo. Por isso é tão importante a atenção de vocês ao movimento de cada grupo, nas opiniões e posições que os alunos apresentem nesse momento.

As atividades sugeridas a seguir são importantes, porque são uma oportunidade especial no desenvolvimento da boa escuta e do respeito a posições diferentes, nunca, contudo, os alunos abdicando do direito de se pronunciar, em qualquer caso de discordância. É um excelente exercício de argumentação, mas também de convivência.

Proporemos duas atividades em grupos, para as quais é fundamental os alunos terem o livro em mãos.

1. Cada grupo, com no máximo 5 pessoas, escolhe um dos contos para trabalhar, a partir dos elementos característicos do gênero e como o autor fez uso deles. Deve ser considerada, também, a imagem de página dupla que introduz a narrativa.

Depois de discutidos os pontos mais importantes, cada grupo apresenta para a turma as suas observações, respondendo a perguntas e observações dos colegas.

ATENÇÃO! Estará fora dessa atividade o conto “Como antigamente”, que será objeto da atividade a seguir.

2. Em “Como antigamente”, como antecipamos aos alunos, no texto de apoio constante no próprio livro, temos um caso interessante: todas as personagens mais importantes do conto apresentam posições discutíveis e mesmo um ou vários comportamentos, na nossa opinião, reprováveis, que poderiam ser considerados indicadores de falha de caráter. Estamos falando especialmente de Edmundo, Cristiano e Rosana. A ilustração com Pinóquio é referência apenas à citação errada de Cristiano?

Propomos uma avaliação pela turma das características das três personagens, podendo ser essa discussão geral antecedida de uma análise da questão em grupos, se assim o desejarem. Obviamente, as demais personagens do conto, secundárias, podem ser lembradas.



Lembrete: É fundamental que o resumo da história de Cyrano de Bergerac, na relação destas três personagens, seja conhecido da turma.

As opiniões poderão variar muito, mas o importante é que as discussões possam, durante os debates ou mesmo mais tarde, contribuir para a definição de valores dos alunos, dada a generalização do expediente usado por Cristiano e Edmundo, nas mais variadas situações de vida. Sem falar no caráter de Rosana...

Nesta atividade, poderá haver discussões inflamadas, e vocês terão nela um papel crucial, porque o conto trata de questões fundamentais para o desenvolvimento do sujeito, e vão além de trapaças estudantis inconsequentes. Caberá a vocês a apresentação de contrapontos, se não forem feitos pela turma, e a observação das incongruências, das leituras equivocadas, propondo sempre a atitude adequada de cada um, sustentando suas posições, sem desconsiderar ou agredir os que pensam diferentes.

5.2. Uma nova avaliação da obra (EF69LP50 e EF69LP13)

Depois da segunda leitura da obra, é interessante vocês saberem até que ponto a percepção da obra foi alterada pela segunda leitura e quanto essa retomada foi proveitosa e prazerosa para os alunos.

– *E aí, pessoal? O que acharam dos trabalhos que fizemos sobre a obra O fim do mundo e outros contos? Vocês acham que conheceram mais das histórias que tinham lido? Gostariam de falar de alguma questão, ou de alguma personagem, agora, depois da nossa última conversa?*

(Como sempre, é fundamental respeitar o gosto de cada aluno. A avaliação, sempre espontânea, não tem o objetivo de mudar a posição deles, mas ter indícios sobre o aproveitamento da segunda leitura, que não significa obrigatoriamente mudar de posição, com relação aos contos.)

5.3. Indo além da história (EF69LP49 e EF69LP46)

Como já explicamos, consideramos essas atividades opcionais, e propostas para alargar os horizontes da turma. Serão feitas individualmente, ou com a turma toda, sempre levando em consideração o perfil do grupo. Sugerimos:

- A) Tanto Leo Cunha como Guto Lins são professores e amam conversar com seus leitores. Se os alunos quiserem entrevistar os autores, a respeito da produção deles e especialmente sobre esta ou sobre determinado conto, sintam-se à vontade para escrever à editora, para promover esse encontro, ficando ela responsável por adequar as agendas.
- B) Proponham aos alunos a leitura de algumas obras, referidas ou relacionadas com a nossa obra. Nossa sugestão:
 - *O avarento*, a comédia de Molière
 - *A marca de uma lágrima*, uma versão de Cyrano de Bergerac, de nosso conhecido Pedro Bandeira, publicado pela editora Moderna.
- C) Sugiram à turma que veja e comente a comédia *Roxanne*, premiadíssima, adaptação também de Cyrano de Bergerac, feita por Steve Martin e dirigida por Fred Schepisi, em 1987.

Apresentamos até aqui algumas das experiências possíveis, na exploração da obra *O fim do mundo e outros contos*, mas muito mais pode ser oferecido à turma, não só partindo de vocês, como de outras áreas de estudo da escola, que certamente encontrará docentes interessados(as) em situações trazidas por esta leitura.

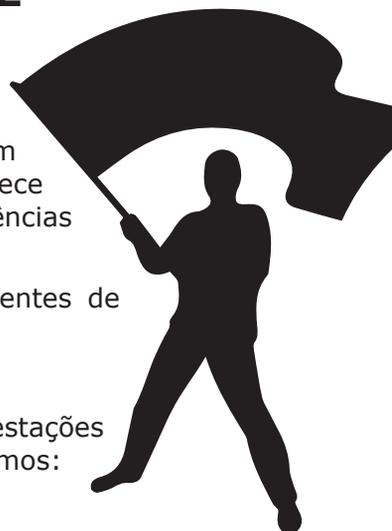
6. PROPOSTAS DE EXPERIÊNCIAS EM TORNO DE O FIM DO MUNDO E OUTROS CONTOS PARA OUTRAS ÁREAS

Como já enfatizamos, toda boa obra de arte é transversal: de algum modo, apresenta questões que a ultrapassam – e com a literatura isso parece até mais evidente, por trabalhar com a palavra. Assim, ela favorece experiências em áreas diversas.

No caso de nosso livro de contos, proporemos atividades para docentes de História e Artes, especialmente ligadas ao teatro e desenho.

A) Área de História

A1 - O conto "*Hashtag*" desenvolve-se no ano de 2013, e fala das manifestações que dominaram a cena política e social brasileiras. A partir dele, propomos:



- a) Apresentar à turma um panorama da situação econômica e política mundial e brasileira, para chegar à apresentação de informações sobre as manifestações: seus antecedentes; como e onde ocorreram; seus excessos; suas consequências.
- b) Ver e comentar com a turma o filme *Junho - O mês que abalou o Brasil*, dirigido por João Wainer, de 2014.

Mesmo não sendo objeto de estudo de História do 8º ano, acreditamos que nada impede de se falar de temas como este. Mas a avaliação dessa pertinência fica para os(as) docentes envolvidos(as) na leitura da obra.

A2 - O conto "Como antigamente" apresenta em um texto a questão do aquecimento global, criado pelo autor. Propomos a discussão, que não é apenas da História e obviamente pode envolver docentes de várias áreas, não só sobre a posição dos especialistas e das autoridades do Brasil, com relação ao tema, mas também o que se pode e se deve fazer, individualmente, como cidadão, com relação ao problema.

B) Área de Teatro

B1 - O conto "Metamorfose" é praticamente constituído de diálogos. São muito poucas e curtas as cenas apresentadas pelo narrador, e, como comentado, mostra o pensamento da professora, inicialmente, em discurso indireto livre. Nossa sugestão é que, orientada devidamente pela equipe de Teatro, sobre o uso de rubricas, quando necessário, a turma transforme o conto em uma peça de teatro, para ser apresentada, se for possível, até para outras turmas da escola. Para facilitar a transposição para a cena teatral, propomos que haja, ao lado da professora, uma estagiária, com quem ela sussurra o que está apresentado como pensamento dela. E a peça estará pronta! (EF69LP50)



B2 - Somos adeptos fervorosos da leitura em voz alta feita pelos alunos, como excelente forma de evidenciar o real entendimento de todas as nuances de um texto, e também, sempre que possível, da leitura dramática, ligeiramente adaptada para a sala de aula. Propomos que se use essa técnica, comum no teatro, em um dos dois contos (o que não impede outra escolha da equipe de Artes Cênicas): "O fim de mundo" e "Avarentos". (EF69LP53 e EF69AR29)

C) Área de Artes Plásticas (EF69AR02 e EF69AR03)

C1 - Apresentação de um histórico do desenvolvimento da *Art Pop*, no mundo e no Brasil, e da retomada das imagens que introduzem os contos, com a sugestão aos alunos que façam, segundo escolha individual, a imagem de um dos contos do livro.

As imagens criadas poderão ser expostas em sala e até enviadas à editora, que as exibirá em suas páginas na Internet, além de passá-las aos dois autores, Leo Cunha e Guto Lins, que certamente as comentarão com os alunos.

Antes de finalizar nossa conversa com as sugestões bibliográficas, gostaríamos de lhes apresentar nossos votos de excelente trabalho com a obra *O fim do mundo e outros contos*, e nos colocarmos também à disposição de vocês, para qualquer ajuda que pudermos lhes dar, na exploração desta ou de qualquer obra com seus alunos.



BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Apresentamos-lhes a seguir uma pequena bibliografia, que pode ajudá-los no aprofundamento de questões tratadas aqui, como arte, literatura, gêneros literários (especialmente, o conto), assim como sua exploração em espaços de leitura. Apresentamos alguns títulos, também, sobre pontos teóricos salientados em *O fim do mundo e outros contos*, a intertextualidade e os discursos. Tentamos sempre, dentre as obras mais significativas, sugerir as que sabemos tratar sem maior aprofundamento teórico, e provavelmente mais facilmente à mão dos professores, em bibliotecas. Lembrem-se, também, de que a internet costuma ter conversas interessantes com autores ou sobre seus livros. Segundo entendemos, a bibliografia vai possibilitar-lhes a revisão ou novo enfoque da questão da leitura e vai ajudá-los a fazer o melhor trabalho com *O fim do mundo e outros contos*, mas com a literatura que levarem às suas crianças.

- ALONSO, Dámaso. *Poesia espanhola*. Ensaio de métodos e limites estilísticos. Rio de Janeiro: INL, 1960.

Apesar do título, a obra traz uma reflexão extraordinária (que abrande mais do que a poesia e alcança a obra literária em qualquer gênero) sobre as relações entre o escritor e os vários tipos de leitores: do simples fruidor até o crítico. Os três capítulos sobre os vários conhecimentos da obra são fundamentais, sobretudo para quem atua como professor/mediador de leitura.

- BERGSON, Henri. *O riso*. Bauru: Edipro, 2018.

Filósofo influente, faz nesta obra uma incursão sobre o cômico social e o que faz as pessoas rirem – sobretudo sentindo-se “superiores” à situação que criou o riso.

- BRÁS, Luís. *Muitas peles*. São Paulo: Terracota, 2011.

Esta obra trata de várias questões literárias importantes, inclusive duas que nos interessam diretamente: o autor-personagem e um artigo sobre a obra de Leo Cunha.

- CHALHUB, Samira. *O que é metalinguagem*. São Paulo: Ática, 1998.

Trata-se de obra importante sobretudo para os iniciantes no assunto: traz a caracterização dessa função da linguagem e uma boa exemplificação das várias formas de que se reveste.

- COSSON, Rildo. *Letramento Literário – teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

Nessa obra, o autor defende o letramento literário como o grande papel do professor, tornando os estudantes leitores capazes de entender-se, entender seu ambiente e nele atuar. Apresenta uma parte prática, que começa exatamente como nós, na criação de motivos para se ler uma obra.

- COSTELLA, Antonio F. *Para apreciar a arte – roteiro didático*. São Paulo: Editora SENAC; Campos do Jordão (SP): Mantiqueira, 1997.

De modo bastante didático, e tratando das artes em geral, a obra apresenta ao leitor o conceito de “obra de arte” e discorre sobre os vários pontos de vista dos quais a obra pode ser considerada. Naturalmente, alguns deles são mais importantes para nossas considerações, como o expressional, o estilístico e o estético. Toda a obra, contudo, merece ser conhecida.

- CUNHA, Maria Antonieta A. *Mergulhando na leitura literária*. Vol. 1 e 2. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002.

Destinada sobretudo a professores do Ensino Fundamental 1, analisando textos literários, a obra tem uma introdução que trata de questões importantes sobre razões de ler, objetivos de diferentes leituras na educação, sobre estratégias de abordagem e avaliação em arte da arte e da literatura. O volume 2 é dedicado a textos do gênero narrativo.

- _____ . O diálogo entre textos. In: MENEZES, Mindé & RAMOS, Wilsa M. (coord.). *Guia de Estudo*. Mód. II – Unidade 6. 2ª. Edição. Brasília: MEC/FUNDESCOLA, 2000. Desta coleção endereçada a professores em atuação no Ensino Fundamental 1, esse capítulo trabalha a intertextualidade de modo bastante didático e com vários exemplos de cada um dos seus tipos, e em campos artísticos diferentes.

- _____ . *O discurso indireto livre em Carlos Drummond de Andrade*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971.

Esta obra trata dos discursos estudados e, mais especialmente, do discurso indireto livre nas crônicas de Drummond, que faz do recurso um emprego primoroso. (Tese de doutorado)

- ECO, Umberto. "O texto, o prazer e o consumo". In: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

Trata-se de um livro que reúne ensaios e conferências feitas ao longo de pelo menos uma década, quando o autor foi refletindo e reformulando seus conceitos de literatura e outras artes, e representação, imagem e ilusão. Como sempre, vara muitas manifestações artísticas, entretenimento e a complexidade das comunicações contemporâneas. O capítulo indicado é especialmente importante na discussão sobre as formas de recepção da arte.

- _____ . *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

Se têm interesse especial nas questões da arte e da literatura, esta obra é essencial, especialmente na discussão do papel do fruidor, que completa, com sua percepção, a obra de arte, sempre incompleta, se não tiver a fechá-la a leitura do outro.

- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2001.

Se quiserem lembrar conceitos importantes do gênero narrativo, de modo bastante sucinto, esta é uma obra interessante: além de um pequeno histórico do gênero, trata dos pontos mais importantes de cada ingrediente da constituição da narrativa, detendo-se mais no estudo dos discursos, além de trabalhar conceitos como tema, assunto e mensagem.

- GULLAR, Ferreira. Poesia e realidade. IN: *Uma luz do chão*. Rio de Janeiro: Avenir, 1985.

O livro todo é muito interessante, e vale a pena ser lido. Mas o capítulo indicado, embora pareça falar apenas de poesia, fala sobretudo do autor, de sua total responsabilidade e liberdade na criação. E aborda brilhantemente a descoberta da literatura, apresentando-se, antes de tudo, como leitor.

- HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder*. São Paulo: Summus, 1977.

Escritora francesa, ainda viva, com seus quase 85 anos, defende nesta obra a importância do cultivo da fantasia e do maravilhoso, como pontes e transformação da realidade. Para ela, é o imaginário que propulsiona o entendimento do real.

- JAKOBSON, Roman. IN: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1985.

Toda a obra é fundamental, no estudo da linguagem verbal, e especialmente o capítulo sobre funções da linguagem foi e é ainda fundamental, na compreensão de sua proposta inovadora em torno das funções da linguagem, quando introduz e desenvolve, entre as demais, a linguagem que explora a própria linguagem: a metalinguagem.

- LEITE, Lígia Chiappini. Literatura: Como? Por quê? Para quê? In: *Reinvenção da catedral*. São Paulo: Cortez, 2005.

Capítulo fundamental para o entendimento da literatura e seu aproveitamento na escola. Todo o livro é importante, mas este é especialmente importante para nosso objetivo de apresentar o significado da literatura, na vida e na escola.

- _____ . *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1998.

Professora e grande pesquisadora, a autora traz nessa obra a questão do foco narrativo, começando com as reflexões de Aristóteles, até chegar às considerações de Roland Barthes sobre a questão, e enfatizando sempre a figura central do narrador.

- MARIA, Luzia de. *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

A obra faz um breve histórico do conto, desde seus primórdios e comenta obras de grandes contistas brasileiros, como Machado de Assis, Clarice Lispector, Mário de Andrade, sempre apresentando as quase infinitas possibilidades do gênero.

- MASSAUD, Moisés. *A criação literária*. Prosa I. São Paulo: Cultrix. 2000.

Todo o livro é importante, na caracterização do texto literário. Fundamental o capítulo sobre o gênero narrativo, o que nos interessa especialmente na obra estudada.

- OLIVEIRA, Ieda de (org.). *O que é qualidade em Literatura Infantil e Juvenil? Com a palavra o escritor*. São Paulo: DCL, 2005.

A organizadora convidou escritores bastante significativos, e com temas e enfoques bastante diferentes, para exporem sua experiência e suas posições, ao criarem para o público infantil e juvenil. Além desses artigos, há depoimentos de vários dos autores mais importantes de nossa literatura.

- _____ . *O que é qualidade em Literatura Infantil e Juvenil*. Com a palavra os educadores. São Paulo: DCL, 2011.

A mesma organizadora da obra anterior, e com a mesma lógica, buscou teóricos com experiência em educação para escreverem sobre uma questão importante da abordagem da literatura com crianças e jovens.

- PAULINO, G & WALTY, I. (org.). Intertextualidade: noções básicas. IN: *Teoria da literatura na Escola: atualização e para professores de I e II Graus*. Belo Horizonte: UFMG/FALE/Departamento de Semiótica e Teoria da Literatura, 1992.

O capítulo aborda os pontos mais importantes do tema e suas várias formas. Trata-se de texto bastante acessível e prático, como, aliás, toda a obra.

- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

Importante para todos os educadores que estejam dispostos a rever suas práticas de sala de aula, especialmente no tocante à exploração da literatura. A obra discute sobretudo a leitura indicada nas escolas, independentemente do nível, a cujos alunos são oferecidas (ou melhor: impostas) obras que falam pouco à sua vida, a seus gostos, à sua experiência de leitura (ou de escuta da literatura).

- PORCHER, Louis. *Educação artística: luxo ou necessidade?* São Paulo: Summus, 1982.

Traz uma reflexão extremamente lúcida sobre a importância das artes, em todas as suas formas, sempre, mas especialmente num tempo do império do mercado, do consumismo e da ligeireza, como o nosso. Trata de modo acertado e brilhante o teatro a poesia.

- RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. São Paulo: Summus, 1982.

Este jornalista e escritor italiano, dos mais importantes estudiosos também da criação literária para crianças, desenvolve nesta obra uma série de técnicas acessíveis à criança de desenvolver a criatividade, além de constituir-se numa introdução à arte de contar histórias. Obra fundamental para professores, tanto quanto para escritores para crianças.

- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & Cia*. São Paulo: Ática, 1985.

O poeta trata de modo muito acessível das questões principais da intertextualidade, abordando os dois eixos principais, mas também outras formas do processo.

- VARGAS, Suzana. *LEITURA: uma aprendizagem de prazer*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

Esta escritora, especialista em poesia, desenvolve nesta obra a tese, a ser compartilhada por todos, mas sobretudo professores que trabalham com crianças e jovens leitores, de que é pelo prazer que conquistamos leitores definitivos. E que somente pelo encontro com o leitor o escritor pode sentir-se realizado.

RONA
ronaeditora.com.br